



A IGREJA DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

PELO

Padre Miguel de Oliveira

A 13 de Outubro de 1917, acorrera à Cova da Iria grande multidão que esperava, ansiosa, o prometido milagre. De súbito, começaram a agitar-se os ramos da azinheira, rasgou-se no céu a cortina de nuvens e o sol brilhou em todo o esplendor. Só os três pastores puderam contemplar a celeste Mensageira, mas os sinais misteriosos do sol impressionaram todos os olhares, como nos grandes momentos bíblicos em que Deus falava no Sinai ou o Profeta subia ao céu em carro de fogo. A comoção impôs silêncio, enquanto



as crianças dialogavam com a Virgem. Breve e supremo instante. Foi a última Aparição...

Estes contactos extraordinários do céu com a terra fazem estremecer o mundo e deixam as almas a vibrar para sempre. Volvidos alguns anos, a celestial mensagem tinha irradiado para as nações mais distantes, Nossa Senhora conquistara novo título universal, Fátima era oceano de luz e Lisboa ia disputar-lhe a primazia de inaugurar o monumento votivo da gratidão portuguesa.

A igreja de Nossa Senhora de Fátima é esse monumento. Como toda a obra humana, causaria a decepção do ideal inatingido, se os artistas pretendessem materializar um sonho, em vez de lhe criar um ambiente. Ao serviço da Fé, a maior ambição da Arte é transformar-se em caminho de comunicação com o sobrenatural. E isto realiza-se naquele templo de linhas sóbrias, tão diferente de todos os que já enriqueciam a cidade de Lisboa.

Desde o friso dos Apóstolos que à entrada convi-

*A Nave Central e o Baptistério, com
decorações de Almada Negreiros e
escultura de Leopoldo de Almeida*

dam a caminhar com Cristo, até à «sinfonia azul» dos anjos cantores que, ao fundo da ousia, emprestam asas à oração dos fiéis; desde o afresco da coroação da Virgem e dos passos da Paixão, até ao mármore branco em que se abre o sorriso e se erguem as mãos da Padroeira; do baptistério à casa mortuária, murmúrio de fonte e marulhar de oceano — a Arte obrigou todos os elementos materiais a viver o drama interior das almas. Como nos monumentos da mais pura arte medieval, os fiéis respiram naquele ambiente, com a beleza, espe-



rança e fé. Quer os olhos acompanhem a ascensão da nave, quer se prendam à imagem pintada, esculpida ou luminosa, o espírito eleva-se para o mundo das realidades sobrenaturais.

Sé, Jerónimos, Estrêla e Fátima — são os monumentos de arte que nos parecem abalizar períodos nos oito séculos da história cristã de Lisboa. Em Fátima só pode notar-se, por enquanto, a falta das condizentes alfaias e paramentos, que decerto acabariam de reconciliar com a arte do nosso tempo quem se scandalizou à primeira vista de uma igreja que fugia audaciosamente dos estilos clássicos.

Via Sacra — Afresco de Henrique Franco. Os Anjos Cantores — Vitrais de Almada Negreiros





FOTOS MARIO NOVAES

A igreja nova das Avenidas Novas honra uma plêiade de artistas portugueses: na arquitectura, Pardal Monteiro e Rodrigues Lima; na escultura, Francisco Franco, Leopoldo de Almeida, Barata Feio, Raúl Xavier e Anjos Teixeira (Filho); no vitral, Almada Negreiros; no afresco, Henrique Franco e Lino António Veja-se, porém, a declaração que êles publicaram, ao inaugurar a igreja em 13 de Outubro de 1938:

«O mestre de todos nós, de alma tão grande e de visão tão profunda, que ia muitas vezes adiante das nossas concepções e sempre as completou e embelezou mais, não o clama nenhuma lápide lá dentro. Mas êle foi o maior de todos, com a sua presença, o seu conselho e o seu estímulo: o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa».

*Pormenor do Friso dos Apóstolos —
Relevos de Francisco Franco. O teto
do Baptistério — Frescos e vitrais
de Almada Negreiros*

